

O tempo sem conclusão: uma leitura de *Favor fechar os olhos*, de Byung-Chul Han

HAN, Byung-Chul. *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo*. 2ª ed. Tradução de Rafael Zambonelli. Petrópolis: Vozes, 2024.

Daniel Longhini Vicençoni¹

Doutorado em História
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
daniel.longhini97@gmail.com

Jaqueline Thais de Souza²

Mestranda em Filosofia
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
jaqueline.th.souza@hotmail.com

José Francisco de Assis Dias³

Doutorado em Filosofia
Pontifícia Universidade Urbaniana (PUU)
jose.dias5@unioeste.br

Recebido: 10/06/2026

Aprovado: 31/08/2026

Publicado originalmente em 2013, em Berlim, sob o título *Bitte Augen schließen: Auf der Suche nach einer anderen Zeit*, pela Matthes & Seitz Berlin, *Favor fechar os olhos* não constitui uma obra inaugural de Byung-Chul Han, mas um breve ensaio situado em uma etapa já consolidada de sua produção. Ele retoma problemas centrais de sua crítica ao tempo presente: a perda da duração, o predomínio da

¹ Professor adjunto temporário na Universidade Estadual de Maringá, lotado no Departamento de Pedagogia, campus regional de Cianorte. Participa do Grupo de Pesquisa Sobre Política, Religião e Educação na Modernidade (UEM), do Grupo NeoKrisis (UNIOESTE) e do Grupo AlfaLab Laboratório de Estudo, Pesquisa e Formação Docente em Alfabetização.

² Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) Brasil e integrante do Grupo de Pesquisa Crisis - UNIOESTE.

³ Professor associado "A" da UNIOESTE, no Campus de Toledo-PR, onde foi Coordenador do curso de Licenciatura em Filosofia. Líder do grupo de pesquisa NeoKrisis da UNIOESTE, CCHS - Campus Toledo/PR. Editor-chefe da Revista NeoKrisis, vinculada ao GP NeoKrisis da UNIOESTE.

informação e da vigilância, a erosão do silêncio e a dificuldade contemporânea de experimentar um “tempo do outro”. A tradução brasileira, de Lucas Machado, foi publicada pela Vozes em 2021. A resenha presente refere-se à segunda edição do livro, com tradução de Rafael Zambonelli, publicada em 2024 também pela editora Vozes.

Byung-Chul Han nasceu na Coreia do Sul, mas se fixou na Alemanha, onde estudou Filosofia na Universidade de Friburgo e Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique. Em 1994, terminou seu doutorado em Friburgo, ao defender uma tese sobre Martin Heidegger. Atualmente, é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim (Han, 2024a).

O tradutor Rafael Zambonelli é formado e mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo, com estudos voltados à fenomenologia, à filosofia da natureza e à história da filosofia. Sua atuação como tradutor de obras filosóficas, incluindo outros títulos de Byung-Chul Han, confere especial interesse à edição de 2024 de *Favor fechar os olhos*, pois sua tradução e seu posfácio participam da mediação conceitual da obra para o público brasileiro.

Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo, configura-se como um breve ensaio filosófico. A obra está organizada em cinco capítulos concisos, sendo eles: *O tempo do silêncio*, *O bom tempo*, *O tempo da festa*, *O tempo do outro* e *Intempestivamente*. Porém, não há o desenvolvimento de uma teoria sistemática do tempo, mas, sim, uma reflexão fragmentária e conceitual sobre sua experiência no presente.

No capítulo *O tempo do silêncio*, o autor faz uma discussão sobre a necessidade humana de conclusão: “Uma conclusão se dá quando o início e o fim de um processo formam um nexo dotado de sentido, quando eles se engrenam. Assim, a narração é uma conclusão. Em razão de sua conclusão, ela produz sentido” (Han, 2024a, p. 12). A conclusão não é resultado dos grandes momentos; antes disso, está presente no dia e noite, no dormir e acordar. Encerramos o dia, para iniciarmos o próximo.

A questão levantada por Byung-Chul Han, no primeiro capítulo, reside na demonstração de um contrassenso contemporâneo: existe uma necessidade ontológica de encerramento ou conclusão, entretanto, “hoje, a percepção é incapaz de conclusão, pois ela zapeia através da rede digital infinita. A mudança veloz de uma imagem à outra torna impossível fechar os olhos” (Han, 2024a, p. 16).

O segundo capítulo, *O bom tempo*, apresenta uma discussão interessante sobre a memória. Se antes, os registros da humanidade estavam preservados na própria memória humana, hoje, o seu conteúdo está inserido, tão somente, no computador. Em aparência, o mal de tal fato reside na nossa atual incapacidade de guardarmos para nós as nossas próprias memórias, mas, para o autor, a centralidade da discussão é outra: a memória computacional não tem início e nem conclusão e, portanto, “a memória está se tornando uma pilha de lixo e dados” (Han, 2024a, p. 22).

E, talvez, o cerne da discussão esteja no terceiro capítulo, *O tempo da festa*. Nos dias atuais, o envelhecimento se tornou cada vez mais rápido. Tudo caduca. E isso é resultado da constante aceleração na qual estamos inseridos. Como tudo muda de forma tão brusca, não há mais espaço para as conclusões.

Por isso, Byung-Chul Han defende que uma pessoa depressiva é incapaz de conclusão. Não se trata de uma desqualificação das questões psíquicas, ao contrário, é uma busca de compreender as origens dos efeitos psíquicos: “A depressão é característica de um tempo em que se perdeu a capacidade de concluir e de encerrar. O pensamento também pressupõe a capacidade de concluir, de parar e demorar-se. [...] assim, o pensamento não pode ser acelerado à vontade” (Han, 2024a, p. 31).

O mundo contemporâneo forjou o “sujeito do desempenho”. Por corresponder a constante necessidade de produzir, o ser humano se esvaziou de sentido. A busca desenfreada pelos resultados, retirou a morte da humanidade: “E, em um mundo onde a conclusão e o encerramento cederam a uma continuação infinita e sem direção, não é possível morrer, pois a morte também pressupõe a capacidade de encerrar a vida” (Han, 2024a, p. 32).

Se no passado existia a distinção entre o tempo do trabalho e o tempo da vida, hoje, essa separação deixou de existir: “O tempo do trabalho se totalizou de modo a tornar-se o tempo” (Han, 2024a, p. 35). Dessa forma, não concluímos o dia, pois nossas atenções estão sempre voltadas para o próximo dia, o próximo trabalho e a próxima demanda.

A constante necessidade de produzir tem adoecido. Mesmo longe do trabalho, continuamos a trabalhar. Os celulares e as redes sociais se esforçam para lembrar-nos do ofício, seja pelos grupos, fotos, mensagens e alertas constantes. Assim, o descanso torna-se uma passagem rápida que não permite ser concluída. O encerramento do dia, embora necessário, desaparece.

Para indicar um outro caminho para a humanidade, Byung-Chul Han, no capítulo *O tempo do outro*, defende a existência de dois tempos: o “tempo do eu” e o “tempo do outro”. Enquanto o primeiro refere-se ao tempo que se isola e se individualiza, o segundo é uma dádiva, que não pode ser acelerado e nem caracterizado pelo desempenho e pelo trabalho. Porém, “a política temporal do neoliberalismo abole o tempo do outro, pois ele não é *eficiente*” (Han, 2024a, p. 45).

O tempo que damos ao outro é impossível de ser acelerado e nem pode ser mensurado. Ele é, para o filósofo, a saída do labirinto produtivo que é tão característico das sociedades atuais, marcadas pelos ditames da hiper produtividade: “Somente o tempo do outro liberta o eu narcisista da depressão e da exaustão” (Han, 2024a, p. 45).

No último capítulo, intitulado *Intempestivamente*, é o momento do alerta radical do autor. Ao utilizar o exemplo de uma banda de *death metal* que ficou aliviada porque os alto-falantes de um evento queimaram por sobrecarga, o que impediu sua apresentação, Byung-Chul Han indica que o nosso mundo, tão acelerado, caminha para um fim semelhante ao do sistema de som do *show*. Por isso, o mundo terminará de forma abrupta, ou então “de maneira intempestiva e, por fim, catastrófica” (Han, 2024a, p. 50).

Favor fechar os olhos dialoga estreitamente com o seu principal livro: *Sociedade do cansaço* (2024b), ao retomar a crítica do autor ao sujeito do desempenho e à autoexploração. Contudo, em vez de desenvolver de modo sistemático o diagnóstico das patologias do excesso de positividade, como depressão e *burnout*, o breve ensaio desloca a análise para a experiência do tempo: a incapacidade de interromper, concluir, demorar-se e abrir-se à alteridade.

O livro, ainda que curto, traz provocações importantes que dizem respeito à história do tempo presente. O século XXI, marcado pela ascensão das novas tecnologias digitais e das inteligências artificiais generativas, não conseguiu romper com a lógica da superprodução. Existe, atualmente, uma ontologia da produtividade e os seus reflexos são objetivos: sobrecarga mental, *burnout* e adoecimento em massa. Se o tempo do eu persistir, a produção continuará. E, talvez, Byung-Chul Han acerte: o final há de ser catastrófico.

E, por isso, um dos principais méritos do livro é o de converter em imagens filosóficas mal-estares contemporâneos, a exemplo da conexão contínua, da exaustão e da dificuldade de

interromper o trabalho. Entretanto, é importante destacar a limitação do ensaio: há uma certa generalização de experiências subjetivas e sociais muito distintas quando relacionadas ao contexto do avanço das tecnologias digitais. Por isso, reforça-se que o grande destaque do ensaio é o de apresentar uma intervenção filosófica provocativa, e não uma explicação suficiente da complexidade do tempo presente.

Assim, indicamos a leitura do livro *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo*, não por se tratar de um grande tratado filosófico, mas por apresentar reflexões pertinentes sobre o tempo presente e oferecer prognósticos inquietantes sobre o futuro. Desta forma, o leitor interessado analisar com maior profundidade problemas atuais relacionados ao avanço das tecnologias digitais, encontrará na obra de Byung-Chul Han uma referência incômoda e necessária.

Referência bibliográfica:

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 3ª ed. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2024.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. 2ª ed. Tradução de Rafael Zambonelli. Petrópolis: Vozes, 2024.